

MAJOR CANTALÍCIO
(vidinhas da província)

Inédito de
Reynaldo Moura

A madrugada cinzenta envolve os salgueiros. Nem se pode ver o telhado escuro do chalé, embuçado na bruma. Um silêncio de sono derramado sobre as coisas. Silêncio de mundo morto boiando nas paragens remotas do rio do tempo. E não demora muito, nesse antigo instante que está amanhecendo de novo, o galo vermelho vai descer do poleiro, vai bater as asas, cantar, passear pelo quintal deserto com aquela pose de sempre, embora ninguém esteja olhando.

Do outro lado da cerca um pequeno monte de pedras que os moleques empilharam espera a hora do clarinete. Por enquanto não. Agora é madrugada e os moleques (são os dois meninos da casa próxima) dormem enrodilhados nos seus quartos, ao ritmo lento da penumbra que ressona. Sonham talvez com os anjos soprando no clarinete do sargento Cantalício.



E sargento Cantalício ronca, leve e tranqüilamente, lá dentro do chalé escondido na bruma.

Agora um tom quase cor-de-rosa se infiltra entre os salgueiros. Põe um espelho frio na água do arroio.

Um vôo frechou entre os ramos. O bem-te-vi solta, mais longe, seu primeiro pio agudo.



Há um vago clarão na rosa do céu. O mundo vai despertar. Já está despertando. Qualquer coisa glogloleja na água adormecida. O espelho do arroio partiu-se em estilhaços inumeráveis que se arredondam, dilatados em ondas minúsculas. Lambaris?

Lá no fundo sem fim o verde líquido dos bambus tremeu, tremeu, desmanchou-se na água que despertou.

O gato brasino – gato sem dono, livre e faminto no mundo dos quintais – espia do alto da cerca o bando de pardais que agora pousou na ameixeira.



Cantalício é madrugador. Mas ontem foi o enterro do capitão Ernestino: toda a noite anterior no velório. Dormiu apenas alguns momentos. Prestando serviços, fazendo coisas, atendendo as pessoas.

Tia Chinoca mais fechada que um bicho, o olhar de louca. Estava com raiva do outro defunto, o que o revólver do marido deixara estendido na sarjeta diante do armazém do seu Hilário. Raiva de não poder matá-lo outra vez.

Hoje Cantalício acordou mais tarde. Assim mesmo, já serão sete? Não faz muito a manhã inaugurou o mundo, que parece outro nos seus olhos. Parece-lhe que agora, rompido o último elo, nada mais o impedirá de abandonar a vida militar.

Cantalício esfrega os olhos. Os salgueiros do quintal têm um verde novo porque o sol da manhã os atravessa numa horizontal levemente dourada. O ar tem cheiro de orvalho.

Sob as frechas da luz coada pelo arvoredor, o pescoço do galo vermelho brilha.

– Olha só a pose desse bicho!

Em mangas de camisa – e está fazendo um friozinho fino – Cantalício sai para o pátio. Vai até o tanque. Arregaça as

mangas da camisa de riscado, abaixa-se: a água fria jorra da torneira. Ele faz com as mãos uma concha e leva ao rosto o frio gostoso da água. O sono lavado se dissipa. Sobre os braços rijos a água escorre, límpida.

O galo vermelho acaba de cantar. Vira a cabeça para um lado, depois para outro. Seu olho redondo contempla a figura de Cantalício.

Milho?

Que demora!



Os anos passam. A gente não percebe logo as mudanças que vão se realizando em torno porque o tempo tem isto de comum com a traição: é silencioso e incansável. Sempre nos atraiçoa. Onde estão agora, nesta outra dimensão da vida gerada pelo acúmulo de tantos anos, e tão distante dessa manhã remota que agora mesmo estava se repetindo, onde estão aqueles olhos bonitos de dona Belinha, e quem foi que notou o aparecimento da papada nesse pescoço alvo como a corola dos copos-de-leite que florescem junto ao arroio? Quando se viu, já estava feita. . . E onde anda, nesta hora diferente daquelas horas do chalé esquecido, onde anda aquela menina arisca que era Celeste? Quem viu, dia a dia como se observasse a vida de uma rosa sob as lentes do tempo, quem viu a transformação por que passou, para ficar depois essa moça que só não chama tanta atenção como certas estrelas do cinema porque vive no sempre o mesmo de um arrabalde de Porto Alegre? E por onde foram ficando as numerosas figuras que representaram no seu pequeno mundo a biografia do major?

Ali sobre a cômoda do quarto de dormir há algumas fotografias que dona Belinha conserva com zeloso carinho. Sargento Cantalício aparece nelas, um bigode militar que ficou parado para sempre. Nas de corpo inteiro sobressai seu desempenho: índio taura era aquele, que a recordação ainda conserva na intimidade do silêncio. Ali estão também retratos de Celeste: a primeira comunhão, a menina toda de branco, um veuzinho na cabeça. Nem se nota mais qualquer linha de semelhança com a Celeste de hoje. E este outro: dona Belinha sentada, sargento

Cantalício em pé, um pouco atrás, com a mão no ombro da esposa, as divisas aparecendo no braço, logo depois de casados. Como era uma moça bonita a Belinha daquela época! Tanto quanto Cantalício era um índio desempenado e disposto.



Numa outra realidade esta garganta de cobre polido estaria brilhando. E a escala sonora seria mais nítida, como uma fita metálica se desenvolvendo, subindo, baixando, conforme o sopro de Cantalício. E a luz seria outra. Entraria pelas janelas guenzas, pela porta aberta; viria filtrada pela oscilação dos grandes salgueiros, vagamente esverdeada, misteriosa e repousante.

Assim como está acontecendo, é diferente. Bem como as coisas que recuam no tempo e ficam envoltas num vago nevoeiro. Agora mesmo sargento Cantalício soprou mais forte. A nota aguda se dilatou, navalhando o ar silencioso. Mas foi apenas um momento. E foi na mentira de um sonho. Cantalício não distingue bem os objetos em torno. A corneta de metal amarelo é fosca. Uma penumbra de submersão flutua no quarto. Tudo é vago e indistinto. Só as pautas do caderno de música ficam cada vez mais grossas sobre o fundo branco. Vão se dilatando, atingem um tamanho absurdo. Cantalício percorre a escala. O clarinete vibra no mistério desse ambiente crepuscular. E de repente as pedras rolam pelo telhado.

Prac. . . pac. . . trac. . .

Cantalício se imobiliza. Uma raiva surda o inunda. Ele sabe que é aquele rapaz da casa da outra rua, cujo quintal vem até ali perto do chalé. Aquele rapaz besta que já está atirando pedras. Quando começa a ensaiar o clarinete, o rapaz atira pedras. E uma vez chegou a gritar:

— Pára com isso, sujeito pau!

É cria do dr. Abreu. Cantalício já prometeu a si mesmo que no dia em que o pegar de jeito há de lhe dar uma lição daquelas. É o Joãozinho que se junta com outro, filho da viúva do seu Amâncio, e ficam soltos naquele quintal grande a fazer estripulias.

E agora mesmo Cantalício vai correndo atrás do malcriado (coisa que na realidade daquele tempo nunca chegou a

acontecer) vai correndo e de repente tem a sensação de que vai caindo num poço.

Então acorda.

Não era a voz do clarinete que estava revoando, agora mesmo, em seus ouvidos? Não era aquela voz de outros momentos que chegava de novo como um misterioso apelo dos dias mortos?

Pelas frestas das venezianas a madrugada se anuncia. O galo canta no quintal próximo.

Como é esquisito o sonho! A gente acorda e ainda fica pensando com as idéias do sonho. Major vê o quarto em penumbra. Claro que não é mais aquele quarto antigo, no chalezinho humilde. Não é mais o ambiente de sua mocidade, de seu tempo de sargento. Agora é um dormitório modesto, mas decente. E major não tem mais nada com que se preocupar senão com a vidinha de todos os dias – um perpétuo feriado – a vidinha que vai vivendo no seu bangalô com dona Belinha e Celeste, o jardim, o arvoredado do quintal, o arroio, as galinhas, e esse desejo gostoso de escrever coisas nas longas tardes quietas, fechado no gabinete minúsculo. . .

Dona Belinha está ali ao lado dele na cama larga de casal. Dorme um sono tranqüilo.

E Celeste?

Não é dela esse rumor que vem da varanda?

Muito cedo ainda. Deve ser Mikado às voltas com algum camundongo, ou inventando qualquer bobagem para brincar.

Imóvel sobre a cama, major contempla o teto branco. Mas não são os rios fininhos das rachas do estuque o que ele está vendo. É o avesso de um telhado, são as vigas, as teias de aranha, as diversas tonalidades das telhas que ele enxerga. Recorda o chalé antigo. Retorna à sua mocidade: foi o sonho; foi aquela nota mais viva do clarinete que voltou de longe; foram as pedradas do rapaz desaforado que ainda uma vez voaram entre os ramos dos salgueiros, bateram e correram pelas telhas, jogadas por um fantasma, interrompendo o ensaio do outro Cantalício.

– Ah, se eu te pego. . .



Major tem a certeza confortadora de que sua vida não decorreu inútil. Até onde chega sua recordação, retornando a todos os caminhos sepultados agora sob a neblina do passado, sua existência aparece sempre dedicada a qualquer coisa séria.

Claro que em menino foi como os outros. Depois, quando começou a ter consciência do mundo e já era um rapaz taludo, conheceu a dureza da vida. Certos episódios dessa época remota ficaram nítidos para sempre em sua memória. Mais que os quase recentes de seu tempo de funcionário público que às vezes parecem recuar nessa luz da recordação deformadora quando ele mergulha em sua própria intimidade.

– Tua mãe era uma paraguaia, Cantalício. É por isso que tens esses cabelos de índio.

Capitão Ernestino gostava de dizer coisas para ele. Bobagens. Inventava bobagens para atucanar o rapazinho.

Bem cedo foi sentar praça. Era a vontade do capitão Ernestino.

E nos silêncios do major, as coisas mais antigas são as mais lembradas:

– Pronto, capitão.

O tio olhava para ele, ficava olhando sem dizer nada, a cuia do chimarrão na mão esquerda, com a direita alisando interminavelmente os bigodes. Balançando a perna cruzada.

Homem áspero, o capitão era um sujeito intratável. Ainda xucro, Cantalício tinha que se perfilar diante dele, tratá-lo militarmente:

– Pronto, capitão.

E ficava teso, olhando para o rosto do tio, e acabava descobrindo nos cantos de seus olhos qualquer coisa que parecia um meio sorriso ainda escondido, que não queria se mostrar. Talvez estivesse achando graça na atitude desajeitada dos outros.

Sentado na cadeira de palhinha, quando estava de dia, no saguão do quartel, capitão Ernestino mandava chamar o soldado Cantalício. Pequenas repreensões, um conselho quase sempre ríspido a propósito de algum fato anterior. Ou, como no princípio, um breve interrogatório: como estava se dando no quartel? Por onde andava nos dias de folga? Quais eram seus companheiros? Se precisava de alguma coisa.

Veio um tempo em que tinha de ir, todos os domingos, à casa do tio. Passava lá quase que a tarde inteira, até receber a ordem: vá caminhar um pouco para aproveitar o domingo. Que maçada! Tia Chinoca era fechada como o marido. Queriam bem a Cantalício, isso ele mesmo sentia, mas era muito cacete passar lá quase o dia inteiro. Então ia para a mesa do almoço, e ouvia sempre a mesma coisa:

– Come, rapaz, come. Isto não é tão bom como o rancho do quartel, mas sempre dá para matar a fome. . .

O rancho do quartel! Almoçar em casa do capitão Ernestino era uma delícia. Os cozidos saborosos onde entrava de tudo: abóbora, couve, aipim, milho verde, conforme a época (não era tia Chinoca que cuidava da horta no quintal?), carne gorda, lingüiça e o caldo verde tão gostoso. E o pirão tão apimentado! Mas com que constrangimento Cantalício comia: os braços não repousando sobre a mesa porque achava que era feio; não fazendo barulho com a mastigação (no quartel ao menos a gente estava mais à vontade com os companheiros), não querendo comer demais e as coisas gostosas ainda tentando. Os olhos do tio em cima dele, às vezes rindo sem que os lábios também rissem. Tia Chinoca não olhava, parecia que tinha medo de olhar diretamente para as pessoas. Eram só olhares furtivos. Mulher ainda moça, uma morena bonita mas com uns olhos duros, olhos de pessoa má. Parecia, mas não era. Era silenciosa, seca, como se estivesse sempre de mau humor. Às vezes, sem erguer os olhos, ia falando devagar:

– Tens alguma roupa para consertar? Me traz logo, Cantalício. Demorando é pior.

Ele levava. Camisas, meias. Meias para tia Chinoca cerzir, num pequeno porongo.

– Índio, filho de paraguaia. . .

A frase, a entonação da voz meio descansada, a brincadeira que se repetia, haviam ficado na sua memória. Não conheceu pai nem mãe. Lembra-se vagamente que brincava com outros guris num local que o esquecimento ia dissipando. Era um campo, depois havia o mato ralo, era perto duns ranchos, num lugarejo do interior. Depois aconteceu na sua vida o capitão Ernestino, os cuidados secos e ríspidos de tia Chinoca, mãe distante do rapazinho sem dono.

Depois sentou praça.

Começou a estudar.

Os primeiros anos foram difíceis. Parecia que nunca mais sairia dessa situação. Mas foi subindo. Chegou a sargento. Ele nunca soube com absoluta certeza, mas sem dúvida que andou nisso o dedo do capitão Ernestino, um homem que nunca dizia nada do que sentia, do que estava fazendo. Fazia. Depois os outros que vissem o que havia feito. Tinha um jeito de sorrir só com os olhos. Respeitado como ninguém.

Quando capitão Ernestino morreu, Cantalício já estava feito. Uma carreira se abria diante dele.



– Seu sargento! Seu sargento. . . o capitão Ernestino foi baleado!

Cantalício deu um pulo da cadeira onde estava sentado numa roda de chimarrão. Era um tranqüilo entardecer de maio. O dia fluíra num remanso, como uma vaga de vida que agora se consumia nesse repouso de conversa, o mate correndo de mão em mão no grupo de militares.

Todos saíram para o local indicado. Cantalício ia correndo, a face transfigurada, um ríctus mau na máscara onde afloravam os traços do bugre remoto. Correu pela Praia de Belas, e quando chegou na esquina do armazém do seu Hilário já vinha vindo o grupo conduzindo o ferido.

Aproximou-se ofegando. Quando deu com os olhos no tio, cuja túnica estava empapada de sangue e que ia sendo levado em braços, rebentou ali mesmo num choro que lhe sacudia o corpo. E súbito ergueu a cabeça, olhou num desassombro provocante para toda aquela gente que estava ali na esquina do armazém e que ele enxergava como que através de um trêmulo cristal de mormaço. Levando a mão ao coldre do revólver, exclamou agressivo:

– Quem foi o sacana que fez isso?

Veio Chachá, sargento amanuense, abraçou-o pela cintura. Veio tenente Licurgo, tomou-lhe o braço. Foram levando Cantalício atrás do grupo que carregava o ferido, e era fúnebre

aquilo. Dava a impressão de que já era um morto que ia sendo levado, e Cantalício mais atrás estivesse soluçando por ele.

Tenente Licurgo dizia:

– Calma, rapaz. Calma. . .

Então ele viu, estendido na sarjeta, no meio da curiosidade geral, o corpo de um homem de preto todo manchado de sangue.

O amanuense murmurou-lhe ao ouvido:

– Vê o que fez teu tio. . . E agora vamos até a enfermaria. Vamos tomar um calmante.

Instintivamente ele sabia que ali, naquele fardo que os outros iam carregando, estava o homem que o fizera na vida. O seu protetor silencioso e áspero.



Sargento. . .

Se esperasse mais, teria subido. Mas há muito que andava pensando em dar outro jeito na vida. Sentia que era preciso melhorar e já andava farto da caserna. Continuava estudando: se esperasse, seria oficial. Mas depois da morte do tio nada mais o prendia à vida militar. Desejava agora outra coisa, vivia cismando: projetos, sonhos que às vezes, já deitado na cama, de luz apagada, não o deixavam dormir. Ficava ouvindo o ressonar de dona Belinha, e imaginando coisas. Comprara o chalé. Reunira todas as economias ao pouco que a mulher lhe trouxera e pusera tudo na pequena propriedade. Agora era tocar para a frente. E imaginava uma existência tranqüila de paisano, empregado público, com tempo suficiente para outras ocupações.

Um dia viu no jornal do governo um edital de concurso para uma das repartições do Estado. A vida de funcionário seria melhor. Havia oficiais e inferiores no quartel com os quais não simpatizava. Empregado público seria muito mais interessante. Ganharia mais e repartiria seu tempo entre o horário camarada da repartição e os cuidados com o seu jardim, a sua horta, o chalé e a família.

Resolveu-se. Foi tomar informações sobre o concurso.

Tinha estudado. Os anos passavam e aquele rapaz xucro que o tio fizera sentar praça estava agora um homem direito,

compenetrado, sério. Até mesmo certos pendores literários haviam brotado na intimidade de Cantalício. Guardava discursos de Rui Barbosa; ficara abalado com a leitura de uma tradução d'*Os miseráveis*.

Às vezes na sua memória, quando menos espera, ressurgue uma visão dos dias antigos:

– Cantalício – o capitão Ernestino, conforme o assunto e de acordo com uma intenção secreta, às vezes falava pausado e lento – Cantalício, como le vai com o professor Pereira?

Bem que o tio sabia de tudo. Era quem pagava seu Pereira para que ele estudasse. Seu Pereira contava tudo para o capitão. E Cantalício tinha que fazer força. Estudava, estudava para não merecer aquelas reprimendas do tio.



Funcionário.

Durante muitos, muitos anos, todos os dias, fez o mesmo trajeto. O bonde do Menino Deus. A repartição.

Foi vivendo. Foi subindo. Prosperou entre pequenas economias, paletós de mangas lustrosas, política partidária cristalizada em meia dúzia de artigos para um jornal semanário, amigos de café.

Veio 23. O movimento revolucionário.

Cantalício, republicano e castilhistas, ofereceu seus serviços.

Major.



Major.

Foi o posto que lhe deram no corpo provisório que combateu em 23.

Tinha cinqüenta e quatro anos. Agora, já passados os sessenta, o pequeno bigode cor-de-cinza – mas os cabelos de bugre custando a branquear –, os olhos no centro de um círculo de rugas e as pupilas com um brilho diferente, com zonas

que parecem ligeiramente opacas, agora Cantalício está aposentado.

Aposentado. . . Agora é que ele trabalha, todos os dias, no gabinete minúsculo, escrevendo coisas, tomando notas, compulsando velhos livros. Agora é que ele aproveita o tempo. Aposentado mas ainda forte. Madrugador como sempre. E maior para o resto da vida.

É o major Cantalício.

Ou apenas o major. Assim todos o chamam.

Esteve em Ibirapuitan. Tomou parte no combate de Ponche Verde. Conheceu de perto a gente de Honório Lemes. Churrasqueou em muita fazenda. E ele que, como rapazinho, abandonara a campanha sem ter tido consciência para guardá-la numa saudade, ele que vivera todos esses anos sem sentir de perto a vida do interior, tendo com a mesma apenas o contato que lhe vinha de sua presença na milícia para onde afluíam tipos de todos os setores do Rio Grande, ou de raras viagens a algum lugarejo em objeto de serviço, agora ele aproveitava para se reintegrar no clima de suas preferências íntimas. Agauchou-se. Ele que já tinha a feição e os modos, agora também possuía o conhecimento.



A visão do passado abandona o túmulo do tempo.

Era em 23.

Na manhã clara tudo estava atrasado. Dona Belinha tinha os olhos pisados de chorar. Celeste – era ainda uma menina – sentia no ar qualquer coisa diferente. Não sabia bem o que era.

Notícias.

Más notícias têm chegado. Esses jornais. . .

Dona Belinha às vezes não acreditava:

– Qual o quê! Não sai revolução. . .

– Tão dizendo, comadre, que o 5º vai embarcar. . .

Havia uma vaga inquietação na cidade. E a cidade era espaçosa e quieta. Nas ruas os homens vinham vindo e de longe uns sentiam os outros, no espaço vazio, na tranqüilidade das tardes. Cuidado, lá vem um automóvel, deixa passar; como se a

vida segurasse sempre a mão de uma criança. As ruas uivando no inverno, o minuano dobrando as esquinas, assobiando nas árvores das praças tristes ao entardecer. As ruas dançando desertas com os ventos da primavera, as ruas com as árvores douradas de morte quando vinha o outono para os poucos poetas municipais. As casas do verão dormindo a sesta com a corneta do sorvete na esquina, longe. A cidade era distante de um arrabalde ou outro, e por isso parecia imensa. Do alto do Morro da Polícia a cidade parecia um enorme lagarto escuro estatelado no promontório. E em certas horas, que silêncio na poeira triste das ruas por onde caminhavam os homens pensativos!



Cantalício está na cozinha. Acabou de lavar a cuia. Enquanto a água aquece sobre o fogareiro, prepara a erva para o chimarrão. O segundo e último, antes da primeira refeição do dia.

Celeste entrou, dizendo:

– Pai, não apaga o fogareiro. Vou aquecer água para o café.

Minha filha – Cantalício tem vontade de dizer mas não diz – minha filha, teu pai tem que ir para longe. Qualquer dia destes. . . Será que volto vivo? Que vai ser de vocês, tu e a Belinha, se eu. . . ?

A emoção silenciosa cresce no peito de Cantalício. Ele começa a caminhar de um lado para outro, enquanto espera que a água fique no ponto. Pensa: qual! . . . um homem é um homem. O destino já está escrito.

Celeste exclama:

– Pai, a água está chiando.

O primeiro mate é sempre gostoso, mas este parece que não está tão bom assim.

Cantalício chupa na bomba, pensativo. Sem querer, se vê marchando ao som de um dobrado triste, numa tarde de luz festiva, as alas dos batalhões ressoando sobre o chão duro numa cadência perfeita. Outro chupão na bomba de prata e ergue os olhos, contempla o quintal através da janela. Por que será que

tudo anda diferente nestes últimos dias, depois que ele sabe que deve partir? Até o sabor do amargo. Parece uma saudade antecipada de tudo. *Celeste, minha filha.* . .

Mais um momento em silêncio, e a cuia ronca.

Cantalício enche outro mate.

Deixar tudo isto! É duro. . . E de repente ele está se lembrando do antigo chalé. Agora, em lugar daquela tosca construção de madeira, existe o bangalô de alvenaria cercado pelo jardim, um arco no patamar da entrada. As árvores são as mesmas que ele plantou, cuidou e viu crescer. A paineira até foi de semente. Uma semente que um dia o vento trouxe não se sabia de onde, e caiu num canteiro do antigo jardim e depois ali cresceu uma paineirinha deste tamanho. Então ele mudou a plantinha tenra para o quintal, lugar das árvores grandes. A paineira que eu criei desde menina, costuma dizer.

O mate chega ao fim. A cuia ronca.

Celeste saiu para o pátio. Um cheiro de café se espalha pela casa. Que sol bonito anda lá fora!

Cantalício ergue a chaleira. Enche outro mate. Está recostado à mesa da cozinha. Seu pensamento voa no tempo: a pedrada veio certa, bateu nas telhas, a pedra rolou pelo telhado do chalé fazendo barulho. Que raiva! Tirou da boca o clarinete (agora é a bomba do mate), ficou parado, escutando: eu ainda dou uma lição nesses sem-vergonha. . .

São os dois gurus do quintal vizinho. Um deles Cantalício não conhece bem, parece que é filho de criação do dr. Abreu. O outro é filho da viúva do seu Amâncio. Deram para implicar com ele. Quando vai estudar clarinete, lá vêm as pedradas.

– Pára com isso, sujeito pau!

Desaforo! É a voz do Joãozinho gritando quando as notas alegres quebram no silêncio do ar.

Coisas que voltam do passado e – que engraçado! – parece que aconteceram ontem.



Celeste voltou do pátio. Dona Belinha vem entrando, já arrumada para ir à missa. Depois do café (é por isso que deixa

Celeste ir adiantando o serviço enquanto se arruma, e também para a menina ir aprendendo), depois do café, nestes últimos dias, na certa que dá um pulo até a igreja. Não que seja muito devota. Vai rezar pelo marido. Volta com os olhos vermelhos. É só um momentinho na igreja, não pode demorar muito agora que estão sem empregada.

Cantalício já percebeu tudo, e cala.

Dona Belinha usa os cabelos repartidos ao meio, um coque sobre a nuca. Parece ainda tão moça! Celeste já fez dez anos. Custou tanto a chegar essa filha, que o casal já não tinha esperança. Cantalício, como costuma dizer o coronel Bacelar, é ainda um rapaz. Casou tão cedo: era terceiro-sargento.

Ao entrar, dona Belinha trazia o coração suspenso. Pensava: vou encontrar Cantalício fardado, como antigamente. Agora com o zuarte azul dos provisórios. Fardado de major. . . Há quanto tempo que não via o marido fardado!

Mas não. Ele ainda estava no mate.

– Vais hoje ao quartel?

Era bem como nos outros tempos, quando ele era sargento, quando o minuano às vezes uivava pelas frestas do chalé. Como em outros tempos. . . e uma súbita e profunda saudade apertou o coração de dona Belinha.

Antes de responder, Cantalício estende o braço, larga a cuia no suporte:

– Logo mais. .

Disfarçadamente, enquanto prepara sua xícara de café, ela observa o marido: nestes últimos tempos ele anda com um rosto duro, parece um homem brabo. E Cantalício é um santo. Só quando se incomoda de verdade. Então. . .

Dona Belinha pensa: ah, meu amor. . . e ele vai para a revolução! Ah, meu Deus!

Sente uma revolta dolorosa contra o destino. Esperava já vê-lo fardado quando entrasse na cozinha. Fardado de major, com aquele azul-escuro dos corpos provisórios que parecia uma coisa funesta, de mau agouro. Que abalo não sentiria. . . Por quê? Não estava tão habituada a ver Cantalício fardado, todos

os dias, quando ele era sargento? Estava. Mas agora é diferente. Agora ela sabe que o marido vai ter que seguir com as forças que vão para a revolução. . .

No silêncio da manhã, encostado à mesa da cozinha, enquanto prepara um crioulo, Cantalício imagina coisas. Talvez acabe comandando um corpo provisório. E quando acende o crioulo sente a primeira tragada mais saborosa, agora que seus pensamentos são de esperança. Não tem medo de morrer. Só por causa da mulher e, oh, de Celeste. . .

Subir de posto em combate. . .



E algum tempo depois, quando chegou mesmo o momento da despedida:

– Meu velho! Deus não vai deixar que a desgraça entre na nossa vida. . .

Trêmula, o pranto correndo-lhe dos grandes olhos pisados de tanto chorar nos últimos dias, dona Belinha aperta o marido entre os braços.

– Coragem, Belinha, coragem! Não há de ser nada.

E quando chegou a vez de Celeste:

– Minha filha. . .

Um nó se estrangulava na garganta de Cantalício, que por dentro fazia força para manter o coração firme. Orgulho de homem que não chora. Pensava: ah, o meu anjo que até parece que vai enlouquecer. . .

– Minha filha. . .

E quando se viu só, na rua, roncava fundo, fundo, para desfazer aquele nó na garganta, para não rebentar ali mesmo em soluços.

Dona Belinha foi buscar a caixa de fósforos da cozinha. Depois fechou-se no quarto. Aquela antiga oleografia de Nossa Senhora da Conceição nunca tivera flores sobre a cômoda onde repousava. Mas agora, na penumbra do quarto fechado, a

chama de um fósforo brilhava acendendo a longa vela colorida que dona Belinha trouxera escondida da igreja, e diante da santa acabava de ser embutida com mãos trêmulas num velho castiçal de prata.

Era em 1923.

MOURA, Reynaldo. *Major Cantalício* (vidinhas da província). Novela. *Última Hora*, Porto Alegre, jul.-out., 1963. (Cortesia do Acervo Literário de Reynaldo Moura/CPL/PUCRS.)